

Comitê já considera FHC reeleito

A ordem é continuar pedindo votos, mas todos na campanha dão a vitória como certa

Christiane Samarco
de Brasília

O comitê central da reeleição mantém o discurso de que é preciso pedir votos até 4 de outubro, mas na verdade já dá a campanha presidencial por encerrada. "Não temos metas de crescimento, porque consideramos que a candidatura Fernando Henrique já atingiu o limite ótimo", confidencia um dos estrategistas.

Os números da eleição em São Paulo também levam os mesmos analistas a apontar, com segurança, a participação do governador licenciado, Mário Covas, no segundo turno da disputa pelo Palácio dos Bandeirantes. Este prognóstico paulista reforça a tese predominante no comitê central, de dar à campanha um encerramento de "primeiro mundo". Nada de palanque e comício. Tudo o que Fernando Henrique não quer é meter-se numa eventual disputa entre Covas e o ex-prefeito Paulo Maluf.

O que se planeja é uma fala presidencial em ambiente fechado, transmitida ao vivo, tendo possivelmente por desfecho uma entrevista coletiva à imprensa. Um dos cenários cogitados é o Palácio da Alvorada, nos moldes da solenidade do dia da árvore, realizada ontem à tarde. A despeito da pressão dos aliados, especialmente os tucanos que queriam patrocinar um ato do PSDB nacional para encerrar a campanha, o comitê teme que a festa só sirva para indispor Fernando Henrique com a base de apoio.

A certeza da vitória tem razões concretas: institutos de pesquisa independentes ou ligados ao comitê indicam que o presidente está prestes a bater nos 50% das intenções de voto. Os analistas já não têm dúvidas de que Fernando Henrique será reeleito com mais votos do que obteve em 1994. Na última eleição, o candidato tucano saiu vitorioso com 44% dos votos e, agora, a avaliação é de que ele pode chegar a 51%.

Pesquisas qualitativas encomendadas pelo comitê central mostram que a crise internacional abala a economia brasileira, mas não ameaça a reeleição. Ficou comprovado que a opinião pública absorveu a turbulência como um problema mundial. A avaliação acabou refor-

çada pelo pronunciamento do presidente Bill Clinton e pelas notícias de que o Fundo Monetário Internacional (FMI) poderia conceder um empréstimo aos países emergentes.

"Estamos seguros porque turbulência econômica e política maior do que a que tivemos há uma semana, impossível", diz um estrategista da campanha. Os analistas da reeleição avaliam que o horário eleitoral gratuito abriu um canal ágil e eficiente entre o presidente e a sociedade.

A crise política norte-americana em torno de Clinton ainda preocupa o governo brasileiro e o comitê da reeleição, que contam com a ajuda de um estado americano forte e o prestígio de seu presidente para garantir ajuda financeira aos emergentes. Mas aí, a avaliação é a de que o pior momento — o envio do relatório do caso Monica Lewinsky ao Congresso norte-americano — já passou.

Também não se espera nenhuma surpresa na performance dos adversários na corrida presidencial. As pesquisas apontam o petista Luiz Inácio Lula da Silva em curva levemente descendente, e uma discreta reação do candidato do PPS, Ciro Gomes. Os números indicam que Ciro poderá encerrar a campanha com dois dígitos na preferência popular — algo na faixa dos 12%. Mas nada que possa alterar a previsão de vitória folgada no primeiro turno.

Por isso, as atenções estão mais voltadas para as reformas. Um analista de pesquisa avalia que o movimento mais inteligente do governo hoje é a proposta de acelerar o pacote tributário de emergência. Aliados de peso, como o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), têm negado com insistência um aumento de tributos depois das eleições.

A negativa faz sentido. Afinal, Fernando Henrique deve sair forte das urnas para negociar um pacote tributário em que possa incluir as medidas que quiser. A experiência deste mandato também explica a pressa. Mesmo diante da previsão de que as eleições não vão mudar o tamanho e o perfil da base governista, os aliados calculam que a iniciativa reformista só terá acolhida do Congresso até julho de 1999.

